

**CARTAS PESSOAIS DO SERTÃO BAIANO:  
FONTES PARA O ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO  
DO PORTUGUÊS POPULAR BRASILEIRO**

*Huda da Silva Santiago* (UEFS)

[huda.santiago@hotmail.com](mailto:huda.santiago@hotmail.com)

*Zenaide de Oliveira Novais Carneiro* (UNICAMP/UEFS)

[zenaide@uefs.br](mailto:zenaide@uefs.br)

### **1. Introdução**

A construção de corpora que apresentem dados representativos do português popular brasileiro tem especial relevância para a linguística histórica, tendo em vista a dificuldade de localização de documentos que sejam mais próximos de uma escrita cotidiana, produzidos por aqueles que não possuem maior domínio das habilidades de escrita. Isso permite reconstruir aspectos sócio-históricos dessa vertente popular que é, segundo Mattos e Silva (2001), fruto do contato linguístico intenso entre povos e línguas distintas que caracterizou o contexto de multilinguismo dos primeiros séculos de colonização do Brasil.

Pretende-se, neste trabalho, apresentar um *corpus* constituído por cartas pessoais, tentando caracterizá-las enquanto produto de mãos inábeis. Tem-se a hipótese de que alguns aspectos físicos dos documentos poderiam denunciar essa pouca familiaridade dos redatores com a escrita, além da ausência de alguns elementos coesivos, perceptíveis na pontuação utilizada e na repetição de palavras.

A seguir, na seção 1, há uma breve apresentação do *corpus*, destacando os modos de circulação das cartas; na seção 2, descrevem-se os aspectos dos documentos que podem indicar o grau de habilidade dos redatores com a escrita e, por fim, na seção 3, as considerações finais.

### **2. Sobre as cartas e seus modos de circulação**

O *corpus* constituído para este trabalho é formado por 54 cartas<sup>1</sup> pessoais, escritas no século XX, por sertanejos oriundos da zona rural de municípios situados na região semiárida da Bahia. A edição adota as

---

<sup>1</sup> Para este trabalho utilizou-se, aproximadamente, metade das cartas que compõe o *corpus* utilizado em nossa pesquisa de mestrado em andamento. As demais estão em processo de edição.

normas do *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB), e os documentos fazem parte do banco *Documentos Históricos do Sertão* (DOHS), do *Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do PB* (CNPq. 401433/2009-9), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS-BA), um projeto filiado ao *Programa para a História do Português* (PROHPOR) e ao PHPB-Ba.

As cartas podem ser consideradas como documentos de circulação privada, de acordo com a proposta de Barbosa (1999, p. 147) ao estabelecer três categorias, de acordo com o modo de circulação, para os textos de circulação oficial e “[...] documentos de circulação privada – que inclui os da administração privada e os de particulares”. Nesse sentido, as cartas, produzidas em relação simétrica entre remetente e destinatário, produtos de uma mão pouco hábil/inábil, são documentos pessoais que representam a escrita cotidiana (BARBOSA, 2007). Algumas foram enviadas por terceiros, como é possível perceber pela ausência de selos nos envelopes.

O conteúdo das correspondências e o tipo de tratamento utilizado pelos remetentes, como em (01) e (02), demonstram que há um significativo grau de intimidade entre eles e os destinatários, ou seja, são cartas de caráter afetivo, para expressar saudades, obter notícias familiares e fazer pedidos.

(01) Amigo Estimado Compadi| pitanga Esta duas linha solmente|  
par li di zer que eu vou bem di.| xergada [...] (AJCO-Carta 2)

(02) Prezado irmão Joãopitanga a rescibri| a sua amaver cartinha no  
dia 3 deste| e nas mesma linha vor lhi responder que| esto enpais  
[...] (AJCO-Carta 37)

É importante ressaltar que os redatores revelam certa consciência da dificuldade que possuem com a escrita. Em algumas cartas geralmente aparece, na parte final do texto, um pedido de desculpa pelos erros.

### 3. As cartas: aspectos de sua caracterização física

Um conjunto de propriedades físicas presentes nos documentos que compõe o *corpus* fornece algumas pistas para perceber que os seus autores são indivíduos pouco familiarizados com a língua escrita. Nas cartas, reconhece-se uma escrita que é produto de *mãos inábeis*, conforme proposta de Marquilhas (2000). Ao escolher um termo para designar

os autores de alguns dos manuscritos portugueses do arquivo da Inquisição, Marquilhas (2000, p. 235) utiliza a expressão “mãos inábeis”, uma tradução de *scripteurs maladroits*:

Claire Blanche-Benveniste, referindo-se aos autores materiais de um texto enquanto falantes estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita, recorre à expressão “*scripters maladroits*”. Uma tradução portuguesa aproximada do termo terá de evitar designações como “escritor” (que tem conotação estética) ou “escrevente” (com conotação ocupacional), de modo que só parece sobrar o termo que a tradição paleográfica consagrou para designar o principal factor de uma escrita: o termo “mão”.

A autora identifica essa escrita inábil a partir de aspectos da aquisição da escrita e de aspectos fônicos, e afirma que metodologicamente esses textos podem ser reconhecidos pela sua aparência física, constituída pela caligrafia da mão e por particularidades do suporte.

Sobre isso, Barbosa (1999, p. 158) lembra que “nem sempre os aspectos físicos são suficientes para identificarem-se textos de pessoas com pouca habilidade de escrita. Há mesmo o caso de encontrarem-se textos apresentando uma aparência bem cuidada, mas, na verdade, são obras de mão inábil”. Para caracterizar o grau de habilidade dos produtores, os aspectos referentes ao nível ortográfico são considerados, portanto, como os que oferecem maior segurança.

Antes de desenvolver uma caracterização interna mais detalhada do *corpus*, com a identificação das demais propriedades da execução caligráfica e a análise de aspectos da aquisição da escrita e de fenômenos fônicos, apresentam-se, neste trabalho, algumas características físicas dos textos, sejam supragráficas ou paleográficas, como o suporte, o uso do módulo grande, a ausência de regramento ideal e a irregularidade da paginação. Além disso, nas cartas é recorrente a ausência de pontuação e a repetição, aspectos que também serão exemplificados para contribuir com a identificação do tipo de habilidade que os redatores possuem com a escrita, a partir de uma abordagem qualitativa<sup>1</sup>. Nesse sentido, esses elementos revelam traços que podem contribuir na caracterização da vertente popular do português que aparece no *corpus*.

---

<sup>1</sup> Uma caracterização em perspectiva quantitativa está em andamento.

### 3.1. O suporte

Os dados supragráficos podem, segundo Barbosa (1999, p. 155) “sugerir aspectos do valor do documento em sua época de uso”. Observando-se o suporte físico das cartas, constata-se que foram escritas em papel almaço, com pautas; em muitas há vincos causados pelas dobras, próprias de correspondências privadas, e mais fortes pela ação do tempo; algumas apresentam pequenos rasgos (cf. imagem 2) e outras foram escritas em meia folha, o que lembra uma escrita cotidiana, rápida, informal:

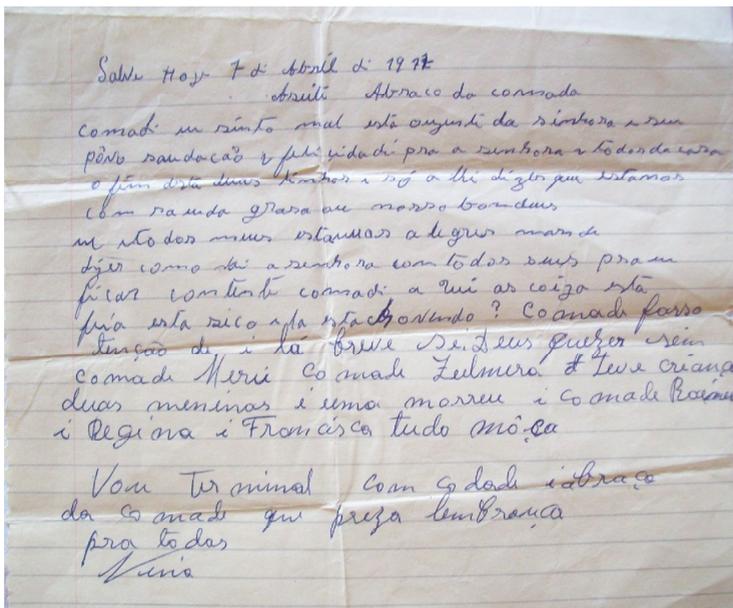


Imagem 1: Carta escrita em meia folha, com vincos de dobras

Em algumas cartas há certa preocupação com a estética do suporte, de modo que aparece o papel enfeitado com flores e outras com corações.

### 3.2. Uso de módulo grande

Observa-se, em alguns documentos, a dificuldade em integrar as letras em um módulo pequeno, como na carta a seguir:

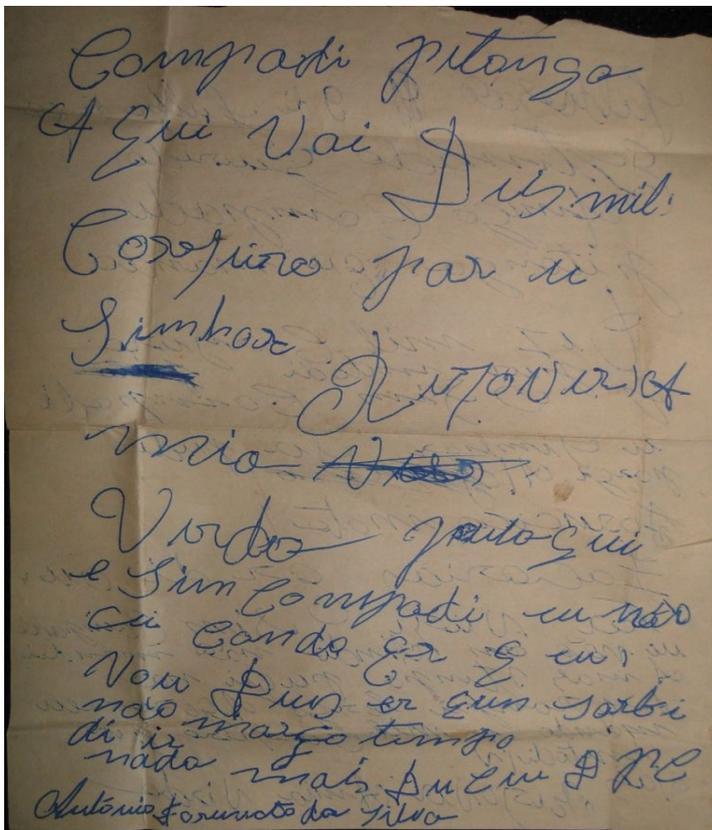


Imagem 2: Carta com módulo grande

Além de apresentar o módulo grande, principalmente as letras iniciais, percebe-se um traçado inseguro, com falta de leveza ao conjunto, características cuja detecção é, segundo Marquilhas (2000), bastante subjetiva, já que só o contraste com textos habilmente executados permitiria afirmar que esses aspectos seriam próprios a um principiante.

### 3.3. Ausência de regramento ideal

Marquilhas (2000) refere-se à ausência de regramento ideal como a incapacidade de respeitar um pautado mental, o que se manifesta, segundo ela, sobretudo na tendência descendente do alinhamento, ao se a-

proximar da margem direita da folha. Nas cartas, além dessa tendência descendente, há também a ascendente, como é possível notar na imagem 2:

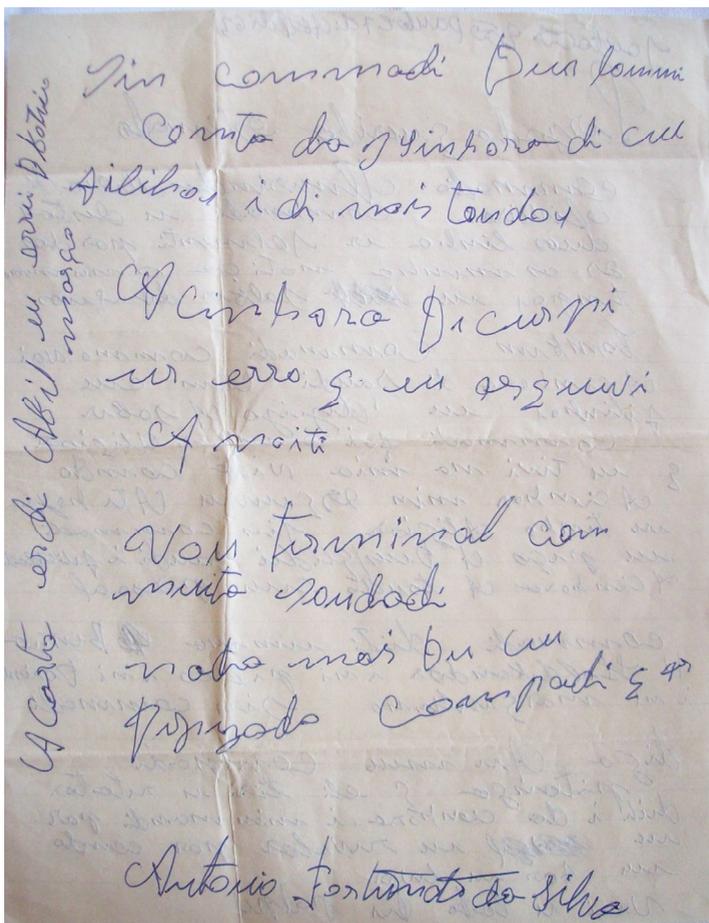


Imagem 3: Carta com tendência ascendente

### 3.4. A irregularidade da paginação

Nas cartas, é comum não haver proporção entre as margens e, em algumas, a mancha gráfica é estruturada em um extremo da folha. Também ocorre o aproveitamento de todo o espaço do papel, em muitos ca-

sos, com o texto escrito nas margens superior e/ou inferior, ou verticalmente, nas margens direita e/ou esquerda (cf. imagem 2).

### 3.5. A pontuação

Ao investigar a pontuação em cartas setecentistas e oitocentistas do Rio de Janeiro, Rumeu (2006) observa que há sistematicidade de uso dos sinais de pontuação, distantes do sistema determinado pelas atuais gramáticas. No caso das cartas aqui analisadas, percebe-se um distanciamento ainda maior do sistema de pontuação prescrito na gramática, já que não há sinais gráficos na maioria das cartas, como nos exemplos (03), (04) e (05).

- (03) ufim desta duas linha e Sol| mente para lhi dar as minha| nutisa i no mesmo tenpo| Salber das Sua commadre| eu mais todos meu Vou| indo- eu Vou sempre andano| sempre duentada commadre| Aseite uma Bensa de Raque| e dos menino conmadre| [...] (AJCO- Carta 53)
- (04) João nois xegamos em paz| Adepois foi que eu levei uma| Estrepada que pasei 45 dias| Parado sem saahir pra quato| Neum mais ja estou melhor| João vose manduo dizer que| Datiu tinha vendido a galinha| Olhe a galinha não e dele iu| [...] (AJCO- Carta 28)
- (05) [...] para mi sera| alegria Olhe Elena segue estes| 50 mil se não tiver xegado| apozetadoria dele você da a ele e se tiver zegado você com este| dinheiro mi compre A toalha de meza de Renda olhe so compra| a toalha se Esmeraldo tivre| recebido e se não voce da ele| [...] (AJCO- Carta 56)

Rumeu (2006) também encontra em seu *corpus* trechos com ausência de sinais gráficos, mas nota o espaço em branco funcionando como uma estratégia de pontuação. Nos trechos exemplificados nem mesmo espaços em branco são utilizados. Em muitos casos, o uso da letra maiúscula é o que marca o início de um novo período, mas ainda assim, não há regularidade, pois no mesmo trecho em que a maiúscula pode indicar início de período, também é usada no meio do período, como em (03).

### 3.6. Repetição

A dificuldade em utilizar determinadas estratégias de coesão, como elementos anafóricos, é visível nos trechos exemplificados em (06), (07) e (08) em que se nota a repetição de palavras.

- (06) [...] Derta *que* eu| mando u *Dinheiro*| ou sirnãõ condo eu| for eu leivo| u *Dinheiro*| [...] (AAHOS- Carta 14)
- (07) [...] *lembrança* para voce i *lembrança* esmerinda| i *lembrança* Ogusto i *lembrança* Pedrinho *lembrança*| luizinha que é para esmerinda dar a ela i l apreto| di mão.. *lembranca* a Anna i angelica manda| *lembranca* para esmerinda [...] (AJCO- Carta 40)
- (08) [...] mito tirite de cabe o gi ta acoteceno| com *voce* gerida mu bei eu ti amo| eu sigo com u mesim cario para *voce*| tudo so depede de *voce* eu não esitou ti| enganano [...] (AAHCS- Carta 63)

Na carta do exemplo (08), a palavra *voce* é repetida 12 vezes. Algumas vezes a repetição parece ter um teor vocativo, com a função de atrair a atenção do interlocutor.

#### 4. Considerações finais

Os aspectos analisados permitem perceber que, mesmo não sendo suficiente apenas a caracterização dos aspectos físicos para identificar as habilidades de escrita dos redatores, esses aspectos permitem perceber algumas pistas que revelam as suas “mãos inábeis”, como as peculiaridades do suporte, o uso do módulo grande, a ausência de um regramento ideal e a irregularidade da paginação. Além disso, a repetição de palavras e a ausência de pontuação também contribuem para demonstrar que o *corpus* é representativo do português brasileiro em sua variedade popular.

Uma análise mais aprofundada está para ser feita, considerando-se uma abordagem quantitativa, a fim de verificar aspectos referentes à aquisição de escrita e a fenômenos fonéticos/fonológicos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*. 1999. Tese de doutorado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Normas cultas e normas vernáculas: a encruzilhada histórico-diacrônica nos estudos sobre português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba T. de et al (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes, 2007, p. 483-498.

MARQUILHAS, Rita. *A faculdade das letras – Leitura e escrita em português no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Primeiros estudos, Vol. II; t. 2. São Paulo: Humanitas/FAPESP. 2001, p. 275-301.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Para uma história do português no Brasil: edição de cartas setecentistas e oitocentistas. In: LOBO, Tânia; et al. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. VI, t. 2. Salvador: EDUFBA, 2006, p. 819-844.